

DICAS PARA REFLORESTAMENTO

O reflorestamento de áreas degradadas deve ser entendido como uma tentativa de remediar (minimizar) os impactos ambientais ocasionados por determinadas atividades comerciais. Entre os benefícios esperados do reflorestamento podemos citar: estabilização e controle da erosão do solo; atração, alimentação e abrigo da fauna; estabilização climática (diminuição da temperatura máxima e aumento da umidade relativa do ar); aumento significativo da infiltração de água da chuva no solo, proporcionando maior quantidade de água nos poços (lençóis freáticos), rios, riachos e nascentes. O reflorestamento de áreas ainda que um processo artificial busca em sua concepção e aplicabilidade acompanhar o processo natural de sucessão, baseando-se na utilização das espécies de três grupos ecológicos distintos: **pioneiras** – aquelas que iniciam a ocupação de áreas desmatadas, necessitam de exposição direta ao sol possuindo rápido crescimento, porém ciclo de vida curto (aproximadamente 10 anos); **secundárias** – necessitam de menor incidência de luz do que as pioneiras para um crescimento adequado, possuem boa rapidez de crescimento e ciclo de vida de 10 a 50 anos; **clímax** – espécies de crescimento lento e ciclo de vida longo, podendo alcançar 100 anos, necessitam de pouca incidência de luz (áreas sombreadas) para um crescimento adequado.

Um método bastante efetivo é o de módulos de plantio (Rodrigues et al., 1992) que intercala as espécies pioneiras, secundárias e climáticas (Figura 1), utilizando um espaçamento de 2,00 X 2,00 m visando uma cobertura mais rápida (2.500 mudas/ha), sem porém provocar competição nutricional entre as mudas, com distribuição em quincênio, com linhas alternadas: pioneiras puras, reduzindo a possibilidade de processos erosivos (áreas declivosas). Quanto ao percentual das espécies, utilizaremos 70 % (setenta por cento) do grupo ecológico das pioneiras e secundárias iniciais e 30 % (trinta por cento) das secundárias tardias e climáticas.

[Digite texto]

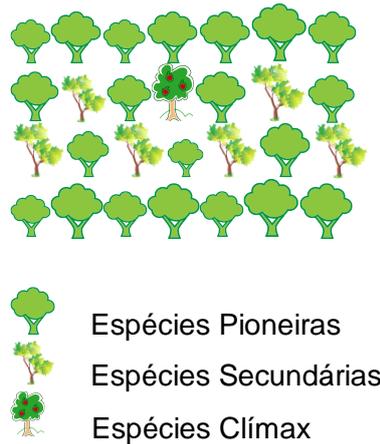


Figura 1: Módulo de plantio

As mudas, prioritariamente, deverão apresentar porte mínimo de 0,60 m, sendo acondicionadas em embalagens adequadas ao tamanho, em excelente estado fitossanitário, livres de pragas agrícolas e fungos, com bom desenvolvimento radicular, aclimatadas e devidamente rustificadas (expostas a incidência direta da luz do sol, pioneiras e secundárias), viabilizando o crescimento inicial das plantas (arranque).

TÉCNICAS DE PLANTIO

a) **Limpeza da área:** Nos locais de plantio onde ocorram espécies arbustivas e herbáceas com porte mais alto, deverão ser eliminadas através de roçadas, evitando-se desta forma o revolvimento do solo. Nesta etapa deverão ser marcadas as futuras covas, através da capina (coroamento) em circunferências, mínimas, de 1 metro, sendo igualmente importante a limpeza dos limites da área (aceiros), com cerca de 1,5 m de largura, evitando a propagação de incêndios.

b) **Coveamento:** As covas devem ser previamente marcadas e abertas em função do modelo de plantio escolhido, com dimensões aproximadas de 0,20 x 0,50 m, dependendo do porte da muda. As covas deverão ser abertas, no mínimo, 15 dias antes do plantio e imediatamente realizadas a calagem e adubação.

[Digite texto]

c) **Calagem e adubação:** A calagem e adubação serão realizadas diretamente nas covas através da utilização de adubos químicos e/ou orgânicos de acordo com a análise de solo e orientação do profissional qualificado. No Cordilheira não utilizamos adubação química, atualmente, utilizamos somente torta de mamona, na proporção de 300 g por cova e ainda, esterco de bovino, cerca de 2 litros por cova, obtendo resultados bastante satisfatórios (bom arranque inicial das mudas).

d) **Plantio das mudas:** O plantio das mudas pode ser realizado ao longo de todo o ano, preferencialmente, durante ou logo após a ocorrência de pluviosidade significativa. No ato do plantio da muda, antes de se retirar a embalagem plástica, deve-se medir a altura do colo da mesma em relação ao nível do solo, evitando-se que a muda fique enterrada em demasia, ou ao contrário, apresente as raízes expostas. Após a retirada do saco plástico para o plantio definitivo da muda, o torrão deve sempre ser preservado, pois de outra forma aumentaria enormemente a possibilidade de morte da muda. Ao terminar o plantio, deve-se proceder ao “embaciamento” ao redor da muda, elevando-se o nível da terra ao redor da mesma, facilitando a absorção de água pela planta. Posteriormente recolhem-se todos os sacos plásticos utilizados, para destinação (descarte) final adequado.

e) **Manutenção e tratos culturais:** deverão ser realizadas inspeções periódicas, ao término dos trabalhos, visando a execução de replantio, no caso de mortalidade, que devem determinar as ações preventivas:

- ✓ **tutoramento das mudas:** através de ripas de bambu e fixadas através de cordas de sisal em forma de oito invertido, aumentando a sustentação mecânica das mudas (nos casos necessários);
- ✓ **monitoramento e controle de formigas cortadeiras:** o monitoramento da ação de saúvas (formigas cortadeiras) deverá ser realizado através de observações mensais *in loco*, durante o plantio e monitoramento de crescimento das mudas. Caso necessário, haverá aplicação de iscas formicidas de baixa toxicidade, para controle, com o respectivo receituário emitido por um profissional habilitado (escritório local da EMATER).

[Digite texto]

A implementação ou recomposição de florestas nativas requer o emprego de técnicas adequadas, definidas em minuciosa avaliação das condições locais e dos conhecimentos científicos existentes. Entretanto não podemos esquecer que todas as etapas prévias e a própria aplicabilidade do projeto, são de importância equivalentes, assim como o acompanhamento e monitoramento durante e após o plantio.

O tempo de implantação da floresta, ou seja, o tempo necessário para que ela seja considerada formada é de aproximadamente seis anos. Outras intervenções podem ser necessárias, tais como: replantio de indivíduos mortos, capina e manutenção de aceiros etc., porém, aos seis anos de implantação espera-se que a formação florestal não necessite de nenhuma outra intervenção antrópica (autossustentável).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, G.M., GUIMARÃES, E.F., ICHASO, C.L.F *et. al.*, 1978. **Sistemática de Angiospermas do Brasil. Volume 1**, Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, USP: 255p.
- BARROSO, G.M., PEIXOTO, A.L., ICHASO, C.L.F *et. al.*, 1991. **Sistemática de Angiospermas do Brasil. Volume 2**, Imprensa Universitária, UFV: 377p.
- BARROSO, G.M., PEIXOTO, A.L., ICHASO, C.L.F *et. al.*, 1991. **Sistemática de Angiospermas do Brasil. Volume 3**, Imprensa Universitária, UFV: 326p.
- GALVÃO, A.P.M., 2000. **Reflorestamento de Propriedades Rurais para Fins Produtivos e Ambientais: um guia para ações municipais e regionais**. EMBRAPA, Colombo: 351p.
- LORENZI, H., 1992. **Árvores Brasileiras. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil**. Plantarum, Nova Odessa: 368p.
- LORENZI, H., 1998. **Árvores Brasileiras. Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil. Volume 2**. Plantarum, Nova Odessa: 367p.
- RIBEIRO, J.F., 1998. **Cerrado: Matas de Galeria**. EMBRAPA, Planaltina – DF: 164p.

[Digite texto]

RIZZINI, C. T., 1979. **Tratado de Fitogeografia do Brasil**. Universidade de São Paulo, São Paulo: 374 p.

RODRIGUES, R.R., 2000. **Matas Ciliares: Conservação e Recuperação**. EDUSP – FAPESP, São Paulo: 320p.